

cológicos e bíblicos que eles apresentam é importante, já que neles se manifesta uma intenção, e se revela a riqueza da situação e dos sacramentos que nela se celebram.

II. MINISTÉRIO E UNÇÃO DOS ENFERMOS NA ESCRITURA

Vimos a autocompreensão da Igreja com relação ao sacramento da unção e a pastoral dos enfermos ao longo da história. Pode-se dizer que ela procurou sempre ser fiel à mensagem de Jesus e às exigências do evangelho em relação aos enfermos e aos fracos deste mundo. Mas não se pode dizer que tenha chegado até o final de sua fidelidade. Cada dia, em cada época, a Igreja vai em busca de sua mais plena identidade segundo o evangelho, e tem necessidade de redescobrir a verdade de sua missão com os doentes, com os que temem por sua vida e sofrem o abalo de sua existência toda, num contexto e situação determinados. A Igreja não é norma definitiva para si mesma, mas está sempre sujeita à normatividade do evangelho. Por isso é necessário que se dê uma confrontação permanente entre a Igreja mesma e a palavra de Deus, entre seu ideal e suas realizações, entre o sentido e a vital interpretação. Esta é a função que agora queremos realizar ao propor esta breve investigação bíblica depois do estudo do "dado" histórico. A continuidade e coerência fundamentais confessadas não tiram a urgência de uma autenticidade maior. Por isso, do ser da autocompreensão configurativa da Igreja, passamos ao dever-ser desta autocompreensão com suas exigências manifestadas, a partir do centro frontal e de referência permanente: a palavra de Deus.

1. Enfermidade e cura no Antigo Testamento

Para entender a unção devemos aproximar-nos da situação que a exige e na qual se oferece: a doença-cura. Disto nos fala o AT, mas sua linguagem deve ser entendida no mundo cultural do Oriente Antigo, onde a união da doença com as forças do mal e com o pecado e, portanto, os exorcismos e ritos mágicos de cura, eram algo muito comum.⁹⁶ Por isso é lógico que apareçam concepções próprias do momento cultural em que foi escrito, e que este se reflita no NT, como acontece na atribuição da enfermidade às forças demoníacas (Mt 17,18), ou na causalidade imediata pecado-doença (Mc 2,5; 1Cor 11,30) ou na relação doença-castigo (Tg 9,3; 11,4).

Por outro lado, a Bíblia não fala da enfermidade isoladamente, mas no interior de um vasto mundo que abarca o mal em geral, as injustiças, as desgraças, o sofrimento. E, na realidade, mais do que interessar-se por uma doença enquanto tal, interessa-se pelas interrogações e pela experiência da fé que a doença suscita. Por isso, não trata da doença de um ponto de vista

96. Cf. J. Scharbert, *Der Schmerz im A.T.*, Bonn, 1955; G. Crespy, *Maladie et guérison dans le Nouveau Testament*: Lum Vie 86 (1968), 45-69; P. Fedrizzi, *L'unione degli infermi e la sofferenza*, Padova, 1972; J. Giblet, *Enfermedad-cura-ción*, em L. Dufour, *Vocabulário de teología bíblica*, Barcelona, 1967, 237-240.

científico ou médico estrito, mas a partir de uma perspectiva religiosa, de fé, de relação do doente com Deus. E esta enfermidade é sempre algo que afeta o homem inteiro, corpóreo-espiritual, abalando sua vida total.⁹⁷

a) *A grande pergunta sobre a enfermidade*

É evidente que para o homem bíblico o essencial não é a causa natural ou o “como” da doença, mas sua significação última ou o “porquê”. Por isso verifica-se como que um esforço para chegar a este último sentido, que supõe diversas interpretações.

— *Explicação etiológica*: a doença não é retribuição, nem bem, nem lugar de louvor a Deus, mas castigo e mal, porque se opõe à intenção de Deus criador. Então, de onde procede a doença? Uma primeira resposta espontânea é que procede do pecado do homem. Se existe um castigo, deve existir uma culpa que o causa. O Gênesis 1-3 e os Salmos (34, 39, 11...), juntamente com outras passagens, encontram aqui sua resposta (cf. Ex 4,6; Jó 16,2ss.; Dt 28,15).

— *Explicação jurídico-penal*: não só encontra a raiz da doença no pecado pessoal, mas pensa até numa conexão causal entre enfermidade e pecado pessoal, que é assim castigado (1Sm 16,14; 2Rs 5,27; 20,1-11; Sl 32,3-5...). A literatura rabínica às vezes levou ao extremo esta concepção, embora outros textos bíblicos desmintam uma conexão causal entendida rigidamente.

— *Explicação demonológica*: a doença está relacionada com o pecado, e este com o demônio, com a possessão demoníaca ou as potências do mal. A concepção bíblica sobre saúde-enfermidade, mal-bem como “terrenos” de Deus ou de Satanás... explica esta opinião (cf. 1Sm 16,14; Os 13,14; Jó 18,13; 2,7...).

b) *Dificuldades da conexão pecado-enfermidade*

A realidade das pessoas que sofriam enfermidades e sua vida puseram em crise esta explicação. O povo de Israel tentou responder também às diversas dificuldades:

— *A primeira*: se a doença é devida ao pecado, como se explica a impunidade dos malvados? A resposta é que tal impunidade é aparente e provisória, pois no final terá de pagar por seu pecado (Sl 73). Também se alude à solidariedade no pecado e à responsabilidade coletiva, mas esta resposta não é clara (cf. Ez 18,1ss.; Jr 31,29...).

— *A segunda*: se a enfermidade se relaciona com o pecado, por que o justo sofre? O problema e as respostas encontram-se sobretudo em Jó, onde

97. Cf. B. Maggioni, *Gesù e la Chiesa primitiva di fronte alla malattia*, em VV.AA., *Il sacramento dei malati*, 39-41; P. Moulon-Beenaert, *Jésus-Christ et la santé. Le témoignage évangélique*: Lum Vit 3 (1985), 275-288.

se manifestam diversas concepções: 1. a tradicional (amigos de Jó) que une o pecado à enfermidade. 2. A que defende que o sofrimento é um instrumento de prova e purificação que Deus oferece ao inocente. 3. Finalmente, a que renuncia a uma explicação lógica ou racionalista, reconhecendo que Deus é diferente, que seus caminhos não são os nossos, e é preciso abandonar-se confiante a seu mistério (Jó 42,4).⁹⁸

— *A terceira*: se o sofrimento é inevitável, que sentido tem uma vida em que é preciso sofrer? A resposta é dada em duas direções: o Salmo 44 diz que somente a confiança em Deus explica o sofrimento, já que seus planos não são os nossos. E o Eclesiastes que considera o sofrimento como a manifestação da peremptoriedade, da vaidade e da inconsistência da vida; o sofrimento não é explicado nem pelo pecado, nem pela retribuição depois da morte; só resta confiar totalmente em Deus (Ecl 1,16-18; 3,18-21...).

c) *Novas explicações para o sentido da enfermidade-sofrimento*

O povo de Israel, a partir da confiança em Deus, chega a novas explicações mais completas sobre esta realidade existencial.

— *Enfermidade e esperança escatológica*: se Deus é bom e justo, não deixar de cumprir sua promessa. A última palavra ainda não foi dita. É preciso esperar o futuro. E este futuro é a vitória escatológica sobre o mal, que terá lugar no “dia de Javé” com a chegada do messias. Então a enfermidade será cancelada, e haverá justiça para todos (cf. Is 26,19; 29,18; Jr 33,6; Is 33,5-6; 61,2).

— *Enfermidade e ressurreição*: esta explicação, mais tardia e original, diz que Deus, justo e veraz, não deixará que o justo seja vencido pela enfermidade e pela morte. O justo viverá, inclusive depois da morte. A morte não pode acabar num cheol para todos, mas na vida para os justos e no castigo para os injustos. É a literatura apocalíptica e sapiencial que desenvolve esta visão (Dn 12,1ss.; Sb 2,5; 2Mc 7,9-23).

— *Valor redentor do sofrimento*: a resposta começa a manifestar-se em Moisés (sua oferta de sacrifício para salvar o povo: Ex 32,30-33), é repetida por Jeremias (8,18), e aparece desenvolvida no Dêutero-Isaias com a figura do Servo de Javé (52,13-53,12). Trata-se de uma solidariedade no bem, já que o amor, a justiça e a entrega de alguém é proveitosa e para o bem e salvação dos outros. Reconhece-se ao sofrimento um valor redentor, e passa de sinal de pecado para sinal de graça, ou seja, sinal de vitória sobre o pecado próprio e o dos outros. O elemento decisivo desta “inversão” não é o mesmo sofrimento, mas a confiança em Deus e a fé que suscita.

— *O sofrimento humano e o mistério divino*: não há dúvida de que no AT Deus está com os que sofrem, mas não com os que causam o sofrimen-

98. Cf. S. Terrien, *Job*, Neuchâtel, 1963; J. Leveque, *Job et son Dieu. Essai d'exégèse et de théologie biblique*, Paris, 1970.

to, nem com o sofrimento em si mesmo. Deus também combate a dor e a enfermidade (Am 5,7; 6,12; Is 5,7.23; Jr 22,13.15). Contudo, Deus não impede, nem livra do sofrimento, embora tenha poder para isto. Por quê? O gênero literário do "litúrgico com Deus", pelo qual o homem aparece como discutindo e pedindo contas a Deus por seu comportamento, explica o desconcerto do homem e o situa diante do mistério de Deus. Um mistério que só pode ser entendido a partir do mistério de Cristo sofredor. Deus combate o sofrimento e a doença, não destruindo-os mas invertendo sua dinâmica destruidora. A vitória sobre o mal passa pela mediação do mesmo mal. E então pode ser auto-redentor ou hétero-redentor, como aparece em Cristo.⁹⁹

d) Cura da doença

O AT não proíbe o recurso às práticas médicas, mas devido à sua concepção de impureza, de proibição de derramar sangue, de atribuição a Deus da saúde ou da enfermidade descuida um pouco o "remédio" em comparação com os outros povos e sofre "certo atraso".¹⁰⁰ É corrente o uso de certos medicamentos simples (Is 1,6; Jr 8,22; Sb 7,20) e o Siracides faz um belo elogio à profissão médica (Sr 38,1-8). Mas deve-se recorrer antes de tudo a Deus, de quem depende a vida e a morte (Dt 32,39). Ele é o verdadeiro médico do homem (Ex 15,26). Por isso os doentes se dirigem, sobretudo, a seus representantes sacerdotes (Lv 13,49ss.; 14,2ss.; cf. Mt 8,4) ou profetas (1Rs 14,1-13), esperando às vezes um milagre ou intervenção extraordinária (1Rs 17,17-24; 2Rs 4,18-37...).

Quanto aos cuidados e comportamento concreto com os doentes recorre-se a meios caseiros e naturais, como são as plantas ou a unção com óleo (Is 1,6; 7,20). O *óleo era empregado* com diversos sentidos: 1. para significar glória e honra, alegria e hospitalidade: ungir com óleo um hóspede é sinal de grande honra, usando "óleo perfumado" (Dt 27,9; Ct 1,3; Sl 13,3; 45,8). 2. Para significar a consagração de objetos (altares...) ou pessoas (sacerdotes, profetas e reis), por sua capacidade de penetração, alimento e força (1Sm 10,1; Lv 4,5; 8,12; Is 61,1); e entre essas pessoas o Messias ou Ungido (Is 61,1ss.; cf. At 10,36). 3. Finalmente emprega-se o óleo para a cura e a purificação, aplicando-o aos doentes, aos leprosos, em caso de feridas ou enfermidades cutâneas (Ez 16,9; Is 1,6; Lv 14,10-32; cf. Lc 10,34; Mt 10,1; Lc 9,1ss.). Portanto, a unção existiu naquele ambiente como prática medicinal (possivelmente, às vezes, também mágica) e como prática de bênção ou consecratória. É neste contexto que se devem entender as unções que Jesus faz e manda fazer (cf. Mc 6,13; Tg 5,14-16).¹⁰¹

Mas o comportamento com os doentes, além da unção, implicava uma dupla atitude: de um lado, se recomenda a visita e a atenção (Sl 40,4; Jô 2,11), e não abandonar os que choram e gemem (Sr 7,9ss.), mas, de outro,

99. Uma boa exposição destes pontos em G. Gozzelino, *L'unzione degli infermi*, 11-46.

100. P. Moulon Beemaert, *Jésus-Christ et la santé*, 276-277.

101. Cf. I. de la Potterie, *Unción*, VTB, 810ss.; P. Vallini, *Le chrétien et l'huile sainte*: Christus 42 (1964), 153ss.; H. Schlier, *αλειψω*: TWNT I, 230ss.

com relação a alguns enfermos como os leprosos proíbe-se o contato, manda-se manter a distância, por serem considerados como impureza e castigo divino, implica a exclusão da comunidade, e se exige separação para evitar contágio (Lv 13-14; Nm 12,10.15). Neste contexto é preciso entender a atitude de Jesus com relação aos enfermos.¹⁰²

2. **Enfermidade e cura no Novo Testamento**

Entre o AT e o NT dá-se continuidade e distância, convergência e divergências. As concepções e o contexto cultural continuam, mas o significado e conteúdo se transformam por obra de Cristo, o Servo de Javé, o Ungido que carrega nossas enfermidades e dores. Nos tempos messiânicos se cumprirá a promessa de Deus, e desaparecerão as nossas enfermidades (Is 35,5-6; 61,1-3; Jr 33,6...). Esta é a obra que Cristo realiza e a missão que assume com suas palavras e obras. Por isso mandam perguntar-lhe: “És tu o Messias? És tu aquele que deve vir ou devemos esperar por outro”? Ao que Jesus responde: “Ide relatar a João o que vedes e ouvis: cegos recobram a vista, coxos andam; leprosos são curados e surdos ouvem; mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres; e feliz aquele que não perder a fé por causa de mim” (Mt 11,3-6). Jesus escolhe deliberadamente estas profecias de Isaías e está consciente de cumpri-las: “Esta escritura que acabais de ouvir cumpriu-se hoje” (Lc 4,21).

a) *Enfermidades, concepções e meios de cura: atitudes de Jesus*

O NT permite compor o quadro de enfermidades particulares às quais se alude em diversos lugares. Tais são a febre, as doenças da pele, úlcera e gangrena, reumatismo (Lc 13,11), hemorragias (Mt 9,20), hidropisia (Lc 14,2), desintéria (At 28,8), dores de estômago (1Tm 5,23), doenças nervosas de lunáticos (Mt 4,24), com convulsões (Mc 1,26; 9,26), com manifestações “demoníacas” (Mc 9,18.20). E junto com isto, desordens funcionais de diversos órgãos, como coxos, cegos, mudos, paráliticos, mancos, eunucos... Diante destas doenças os meios empregados são muito modestos: óleo (Mc 6,13; Lc 10,34; Tg 5,14), vinho como desinfetante (Lc 10,34), colírio para os olhos (Ap 3,18), águas termais (Jo 5,2ss.), saliva (Mc 7,33; Jo 9,6), barro (Jo 9,6ss.). A profissão de médico parece até ser pouco apreciada, repetindo o ditado: “Médico, cura a ti mesmo” (Lc 4,23).¹⁰³

Neste contexto Jesus vai exercer seu ministério com os doentes nos quais predominam as explicações mais comuns da doença: devido a um pecado, como castigo e provação de Deus, como manifestação das forças do mal (Satanás e demônios)... E não pode ignorar estas pessoas, simplesmente porque são os “pobres” mais em evidência, obrigados à dependência e à mendicância, num mundo onde os meios são muito limitados e não há instituições para acolhê-los e ajudá-los. Qual vai ser sua resposta concreta?

102. Cf. P. Grelot, *Lepra*: VTB 412.

103. P. Mourlon-Bernaert, *Jésus-Crist et la santé*, 279-280.

— Jesus vai assumir a *função-missão profética* (Elias, Eliseu) curando os doentes. Mas não empregando remédios concretos (pelo menos não nos consta), e sim acionando sua virtude curativa. É certo que não faltam as unções (Mc 6,13; Lc 10,34), mas a ação curativa de Cristo, como indicam os próprios termos (therapeuô, iaomai, sôzô, katharizô...), supera a eficácia dos meios.¹⁰⁴

— Jesus *toma suas distâncias com relação às concepções clássicas* da conexão imediata pecado-enfermidade, ou castigo-enfermidade e, embora não rejeite uma certa conexão, rejeita a causalidade imediata: “Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais? Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais, mas isto aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele” (Jo 9,1-4). Quanto à conexão da doença com as forças maléficas, Cristo reconhece a relação do mal com o demônio, mas não estabelece uma relação direta (Mt 8,28ss.; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39; Mt 12,22-30; Lc 11,14-15...). Quanto à retribuição escatológica, as curas de Jesus aparecem como uma verdadeira resposta escatológica, como uma antecipação da vitória definitiva, que se manifestará na plenitude final, quando “ele enxugará toda lágrima de seus olhos, e já não haverá morte, nem pranto, nem gritos, nem fadigas...” (Ap 21,4).

— *Jesus realiza ações simbólicas e cura os doentes*: Jesus é um homem que ora e sabe escutar a oração dos doentes (Sl 6; 22; 26; 28... Mt 11,24; 6,9-13; Lc 11,2-4...), acolhendo-os com gestos como a imposição das mãos (Mt 8,3 par; 19,15; Mc 6,5; Lc 4,40) ou tocando-os com a saliva (Mc 7,32ss.; 8,23; Jo 9,6), ou unguindo-os com óleo (Mc 6,13). Estes gestos devem ser entendidos relacionando-os entre si, e não parece que se deva ver em Mc 6 a instituição do sacramento da unção, “já que neste momento não há perspectiva de uma comunidade nova diferente de Israel”, embora represente o precedente evangélico mais exemplar da unção à qual a Igreja chamará sacramento.¹⁰⁵ A ação simbólica real de Cristo com os doentes terá seu ponto mais expressivo e efetivo, como veremos, nas “curas”.

— *Jesus descobre o sentido da enfermidade e da dor*: o ponto culminante da ação de Jesus em relação com a enfermidade e a dor é sua paixão e sua morte na cruz, seu mistério pascal. Sendo ele o justo sofredor por antonomásia, realiza a profecia da libertação de todo mal e sofrimento numa tríplice direção:

1. A “jurídica”, enquanto “paga” por nossos pecados, resgatando-nos com seu sangue e adquirindo um povo para si (Mt 20,28; Mc 14,24; 1Cor 6,20; 1Pd 2,9). 2. A “litúrgica”, enquanto restitui a vida e a comunhão ao homem que se havia separado de Deus (perspectiva de Hebreus). 3. A “nupcial”, enquanto repara as infidelidades à aliança de amor com Deus, devolvendo-nos a amizade e a aliança (Mt 26,28; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20). Em Cristo, ao mesmo tempo que se manifesta de forma especial o mistério do

104. Cf. R. A. Lambourne, *Le Christ et la santé*, 143ss.

105. Cf. J. Feiner, *Enfermedad y sacramento de la unción*, 473.

sofrimento-enfermidade, realiza-se de forma extraordinária uma dimensão redentiva, e se cumpre de modo insuspeitado a promessa da vitória de amor e a salvação. “Pois Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho Único, para que todo aquele que crer nele não morra mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). A carta apostólica *Salvifici doloris* de João Paulo II vê neste texto a resposta de Deus ao sofrimento e à dor: “Em sua atividade messiânica no meio de Israel, Cristo se aproximou incessantemente do mundo do sofrimento humano. ‘Passou fazendo o bem’ (At 10,38), e esta sua ação se dirigia sobretudo aos doentes e aos que esperavam sua ajuda... Cristo se aproximou sobretudo do mundo do sofrimento humano pelo fato de ter assumido este sofrimento em si mesmo... que torna possível que o homem não morra mas tenha a vida eterna. Precisamente por meio de sua cruz deve tocar as raízes do mal, plantadas na história do homem e nas almas humanas... Em seu sofrimento os pecados são apagados precisamente porque só ele, como Filho unigênito, pôde carregá-los sobre si, assumi-los com aquele amor para o Pai que supera o mal de todo pecado (cf. poema do Servo de Javé)... Cristo, mediante a profundidade divina da união filial com o Pai, percebe de maneira humanamente inexplicável este sofrimento que é a separação, a rejeição do Pai, a ruptura com Deus. Mas, precisamente mediante tal sofrimento, ele realiza a redenção, e expirando pode dizer: ‘Tudo está consumado’ (Jo 19,30)... Na cruz de Cristo não só se cumpriu a redenção mediante o sofrimento, mas o próprio sofrimento humano ficou redimido pelo amor”.¹⁰⁶

b) *As curas de Jesus, sinais de libertação*

No ministério e atitude de Jesus com os doentes sobressaem as curas (25 entre 32 milagres). Em cada redator evangelista apresentam características próprias: Marcos e Mateus reduzem os relatos a um esquema uniforme e excessivamente simples, procurando evitar uma imagem de “Jesus curandeiro”; Lucas é o que mais curas traz, com intenção legitimadora da missão de Cristo; João oferece poucos relatos de cura, destacando seu poder de “sinal”. De todo modo, para entender as curas é preciso situá-las no conjunto da missão de Cristo, sem projetar sobre elas nossa mentalidade racionalista moderna, e situando-as no interior da linguagem dos sinais que é preciso interpretar.¹⁰⁷ Como, concretamente?

— *São sinais messiânicos*: as curas de Jesus não são um empreendimento privado, uma prova de domínio, um ato de prestígio, ou um alarde de curandeiro... São o meio privilegiado pelo qual proclama, confirma e realiza a presença do Reino. Com eles Jesus confirma que ele é o Messias, o Filho do homem, o Filho de Deus. Ao realizá-las com um poder que vem de Deus, está se colocando na alternativa de reconhecê-lo como Messias e Filho de Deus, ou atribuir tal poder a Beelzebu (Mt 12,24; Lc 11,15). Mas “se expulso

106. João Paulo II, *Salvifici doloris: Sentido cristão do sofrimento humano*, n. 16-19.

107. Cf. L. Dufour, *Les miracles de Jésus*, Paris, 1977; R. A. Lambourne, *Le Christ et la santé*, 73-105.

os demônios pela virtude do Espírito de Deus, é porque o Reino de Deus veio até vós” (Mt 12,28). E a presença do Reino quer dizer que as promessas messiânicas se cumprem, pela evangelização dos pobres, pela cura dos enfermos, pela libertação dos cativos, pelo perdão dos pecados...

— *São sinais reais*: porque formam um corpo com a realidade que manifestam, porque não só exprimem a presença do Reino mas também a realizam concreta e eficazmente. Por elas a salvação anunciada chega e acontece realmente nas pessoas concretas, como expressão máxima da verdade da boa nova do Reino. Da mesma forma que os sinais ou atos simbólicos do AT (o jugo que Jeremias carrega, a barba que Ezequiel deixa crescer: Jr 19; Ez 5) significam realmente o acontecimento, assim os sinais de Jesus realizam real e concretamente o que com ele já está acontecendo.

— *São sinais públicos-interpelativos*: realizam-se profeticamente na publicidade, com uma intenção interpelativa não só para a pessoa curada, mas para todo o povo que assiste e participa. As curas supõem um momento de “crise”, de provocação interpelativa, de decisão e conversão, de chamada para uma resposta. A presença e a reação do enfermo e dos membros da comunidade fazem parte integrante do ato profético realizado (cf. Jo 9,1-45: o cego de nascença; Mc 2,1-12: cura-perdão do paraplético). Portanto, as curas são atos messiânicos realizados não para um “tu” somente, mas para um “nós” comunitário.

— *São sinais escatológicos*: não só porque são juízo (krisis: Ex 34,29-55; 2Cor 3,7-18), mas também porque são a presença definitiva do Reino, e a antecipação da plenitude e salvação escatológica. Se a enfermidade é um símbolo do estado atual (pecado, enfermidade, morte) em que se encontra a humanidade, as curas são um símbolo do estado ao qual esta comunidade é chamada, por obra de Cristo. O fato de que nas curas se realizem as promessas proféticas (Mt 11,2-6), se manifeste a escolha definitiva de Deus (At 9,8.18), se consiga a vitória sobre as forças do mal (Mt 12,28), e aconteça a salvação (Mt 5,29)... é prova de que entramos na dinâmica da plenitude definitiva.

— *São sinais da salvação total*: a significação simbólica das curas está também em que por elas se oferece não só a cura do corpo, mas também a da alma. Ao cego se abrem os olhos da carne e os da fé (Jo 9,35-40), e o paraplético é libertado da imobilidade de seus membros e da escravidão do pecado (Mc 2,1-12 par). Se a enfermidade é o símbolo do estado do homem pecador afastado de Deus, a cura é o símbolo da vida de fé do homem junto a Deus. As curas certamente são “juízos”, mas não de condenação e sim de graça e salvação (Lc 10,20). Uma salvação integral, corpóreo-espiritual, da totalidade do homem.

c) Continuação do ministério de Jesus na comunidade primitiva

O sinal do reino de Deus constituído pelas curas miraculosas não ficou confinado à vida terrena de Cristo. Ele já havia associado os apóstolos a seu poder de curar as doenças na primeira missão (Mt 10,1ss.; Mc 6,12). Os ges-

tos que já então realizam anunciam o que deverão fazer depois da páscoa, no poder do Espírito, segundo o que o mesmo ressuscitado lhes mandará em Mc 16,15.17: "Ide ao mundo inteiro e proclamai o evangelho a todas as criaturas... Eis os milagres que acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas... imporão as mãos sobre os enfermos, que serão curados".¹⁰⁸

Se a obra de Cristo com os enfermos foi profética (enquanto cumpridora e anunciadora de salvação-libertação) e histórica (enquanto realizadora de transformação real entre os homens), também a obra da Igreja tem de ter estas características: deve ser "profética" continuando a libertação de Cristo e anunciando a libertação final; deve ser "histórica" assistindo, ajudando e servindo no mundo dos doentes a partir da fé em Cristo; deve ser "anamnética", presencializando e atualizando a salvação e a esperança de Cristo; e deve ser "pneumática", atuando na virtude e no auxílio do Espírito, que nos foi dado para continuar a ação curativa de Cristo e consolar os enfermos. Numa palavra, a pregação e a ação da Igreja, sua preocupação com os doentes, "tem de orientar-se de acordo com a pregação de Jesus e com seu comportamento em face das pessoas aflitas pela enfermidade: tem de tornar visível e palpável a permanente preocupação salvífica de Cristo pelos enfermos".¹⁰⁹ Ora, como se realiza concretamente esta continuação?

— *De modo extraordinário, pelas curas*: os Atos dos Apóstolos nos descrevem nos capítulos 2-3 como a primeira comunidade vai crescendo pela pregação, pela conversão, pelo batismo, pela fração do pão, pela comunicação de bens, e pela repetição das obras extraordinárias em nome de Cristo, entre as quais nos é referida a "cura do paralítico" (At 3,1-26). Esta e outras curas milagrosas da primeira comunidade, pelos apóstolos e discípulos, são como uma repetição das que Jesus realizou durante sua vida pública, e têm o mesmo significado e até as mesmas seqüências daquelas (cf. At 5,15ss.; 8,7; 9,12.17.34; 28,8ss...); o enfermo representa a enfermidade e talvez a injustiça da comunidade (v. 1-2); diante da petição do doente, Pedro e João lhe dão o que podem, curando sua mão (v. 3-7); realizam esta obra "em nome de Jesus Cristo Nazareno", proclamando a presença e o poder de Cristo (v. 6-7); o curado descobre a presença e a grandeza de Deus e entra no templo dando graças (v. 8); mas todos se sentem interpelados e obrigados a uma reação, isto é, entram em "crise" (v. 10-12); anuncia-se a todos a salvação pascal, colocando no centro a presença de Cristo: "Pela fé em seu nome, este mesmo nome restabeleceu este que vós vedes e conheceis" (v. 13-26); a consequência para a Igreja primitiva é também o juízo e a perseguição: "Pedro e João são levados para diante do Sinédrio" (v. 4,1-3); mas há os que crêem e se convertem, estendendo-se o Reino e a salvação: a cura implica uma transformação social do ambiente (v. 4,4)... Esta continuação extraordinária e carismática não deve ser considerada apenas como privilégio da primeira co-

108. Cf. C. Rauch, *Extrême-onction*; em DTC, V, col. 1927; E. Cothenet, *La guérison comme signe du royaume: l'onction des malades*, em VV.AA., *La maladie et la mort du chrétien dans la liturgie*, Roma, 1975, 101ss.; aqui 106-109.

109. Cf. R. A. Lambourne, o.c., 145ss.

munidade. Em princípio, deve poder dar-se em todos os tempos, embora seja difícil o discernimento do quando e do onde. “Ninguém saberia dizer como, mas o certo é que a fé no poder curativo da divindade e dos amigos de Deus continua fazendo milagres... O movimento carismático acentuou novamente na Igreja o carisma da cura. E, dentro do movimento, dão-se curas, e quando não, uma forma surpreendente de viver a enfermidade em comum... Não sabemos esclarecer com precisão as forças que agem na cura pela fé. Mas agem.¹¹⁰

— *De modo ordinário, pelos carismas e dons de cura:* na comunidade primitiva fala-se, além disso, de uma continuação mais ordinária e comum do ministério de Cristo por meio dos carismas e dons de cura, aos que se refere são Paulo: “A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem de todos. A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria... a outro o dom de curar, neste único Espírito” (1Cor 12,7-9.28-30). Para Paulo, o carisma de cura não é o poder de fazer milagres, mas o serviço aos enfermos para a edificação da comunidade, como uma das manifestações mais excelentes da caridade. Por outro lado, na primeira comunidade, é claro que a identificação de Jesus com os enfermos e sua exortação a visitá-los foi interpretada como ordem de assistência espiritual e ajuda corporal no material. Por isso, o NT menciona a visita e a assistência aos enfermos, órfãos e viúvas (At 6,1-2; Tg 1,27), e os meios curativos naturais (Lc 10,34; Jo 5,3; 1Tm 5,23; Ap 3,18). Finalmente, há uma terceira série de textos que nos revela como a comunidade primitiva lê seus sofrimentos e enfermidades à luz dos sofrimentos e da luz de Cristo: “Porque, assim como são abundantes os sofrimentos de Cristo em nós, assim também, graças a Cristo, é abundante a nossa consolação. Se passamos por sofrimentos, é para nossa consolação e salvação...” (2Cor 1,5-6). E em outro lugar: “Agora estou contente com os sofrimentos que tenho de suportar por vós. Porque assim completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24). Os textos se referem ao sofrimento por serem fiéis ao nome de Cristo. Mas é claro que os cristãos têm a consciência de continuar e “completar” a obra redentora de Cristo por todos os seus sofrimentos, entre os quais sobressai a enfermidade.¹¹¹

d) *O testemunho da Carta de Tiago 5,13-16: continuação sacramental*

Se antes vimos uma continuação extraordinária e uma continuação ordinária do ministério de Cristo, agora vamos ver uma continuação simbólico-sacramental num texto de Tiago, de fins do século I, que nos transmite um ensinamento moral-prático, dirigido a judeus-cristãos, em ordem a um comportamento em diversas situações vitais, e com acento escatológico.¹¹² O texto diz assim:

110. F. Lage, *Jesus ante la enfermedad*: *Communio* 5 (1983), 405-416, aqui 415.

111. Cf. B. Maggioni, *Gesù e la Chiesa primitiva di fronte alla malattia*, 53-55.

112. Ver os seguintes comentários nos quais nos baseamos: F. Mussner, *Der*

13. Há entre vós quem sofra? Que reze! Está alguém de bom humor? Que entoe cânticos! 14. Há entre vós algum enfermo (ασθενει)? Que mande chamar os presbíteros (τους πρεσβυτερους) da Igreja, e estes orem sobre ele (προσευξασθωσαν επ'αυτον) unguindo-o com óleo (αλειφαντες ελαιω) em nome do Senhor. 15. E a oração da fé (η ευχη της πιστεως) salvará o enfermo (σωσει τον καμνοντα) e o Senhor o reerguerá (εγερει αυτον). E, se tiver cometido os pecados, ser-lhe-á concedido o perdão. 16. Confessai-vos, pois, mutuamente os vossos pecados e orai uns pelos outros para alcançardes a saúde (αθητε).

— A intenção do autor parece que é insistir em que a vida do cristão, em qualquer situação que se encontre, deve estar referida a Deus. Se a situação é precária (κακοπαθειν), de depressão anímica, deve orar para encontrar força e ânimo. E se a situação é de alegria (ευθυμειν) ou de "bom humor", então também deve dirigir-se a Deus cantando salmos (v. 13; cf. Sl 30,23; 50,13). Em qualquer caso e circunstância, espiritual e corporal, o homem deve saber dirigir-se a Deus e "contar com Deus".

— Juntamente com as outras situações coloca-se uma situação especial: a de *enfermidade*: "Há entre vós algum enfermo? (ασθενει τις). Este termo, diferente daquele de κακοπαθειν designa uma doença propriamente dita, suficientemente grave para que o doente não possa deslocar-se, e por isso faz chamar os "presbíteros", para que orem por ele... (v. 14). Da utilização do termo ou verbo (ασθενει) (Mc 6,56; Lc 7,2; Jo 4,46-47; 11,2.3.6; At 9,37...) no NT não se pode deduzir que tal doente seja um moribundo, mesmo sem excluir que possa se considerar a situação com certo perigo de morte. Comparando o "estar enfermo" do v. 14 com o "salvar enfermo" (σωσει) do v. 15, e levando em conta a utilização e sentido deste último (estar cansado, sofrer, estar esgotado...) parece deduzir-se que se trata de uma doença grave, com repercussão psíquica e moral, que afeta o homem inteiro.

— Quem são os "presbíteros" (πρεσβυτεροι) aos quais se refere? Trata-se dos "anciãos" com um certo papel de direção, como na sinagoga, ou dos "presbíteros" de que nos falam as cartas pastorais? O texto só permite afirmar com clareza que se trata de responsáveis pela comunidade. É provável que Tiago reflita um estágio de evolução ministerial. E parece mais seguro que para ele estes "presbíteros" agem não tanto por um direito de designação da comunidade, quanto por uma "representação" em nome do Kyrios (talvez significada pela imposição das mãos), que lhes dá uma categoria e uma função próprios na ekklesia (της εκκλησιας).

— A *intervenção* dos presbíteros é dupla: em primeiro lugar "orar sobre o enfermo" (επ'αυτον). A preposição επι com acusativo deve referir-se aos exemplos em que se indica agir com autoridade (Lc 12,14; 1,33), isto é, como "ex officio", porque se faz "em nome de Cristo". A expressão parece sugerir o gesto de imposição das mãos, como o compreendeu depois Oríge-

Jakobusbrief (HThKNT, XIII/1), Freiburg, 1965, 216-225; E. Cothenet, *Onction*, em DBS, VI, Paris, 1960, 701-732; id., *La guérison comme signe du royaume*, loc. cit.; B. Reiche, *L'onction des malades d'après St. Jacques*, LMD 113 (1973), 50-56; J. Sailer, *Jak. 5,14 ff und die Krankensalbung*: Theol. prak. Quart. 113 (1965), 347-353.

nes e a liturgia Ambrosiana; mas não há certeza quanto a isto. E quanto à oração concreta não se indica em que consistia, embora se entenda que o conteúdo era pedir a fortaleza e a cura do enfermo, quer se tratasse de oração oficial ou espontânea.

— Em segundo lugar, intervém-se com a “*unção com óleo*” ao enfermo. O termo *ελαιον* neste caso, e levando em conta o contexto, designa o óleo de oliva, utilizado com fins medicinais-religiosos no AT e NT, como vimos. A finalidade religiosa neste caso aparece clara porque se faz “em nome do Senhor” (*εν το ονοματι του Κυριου*): (cf. Mc 9,38; Lc 10,17; At 3,6; 4,10; 9,28; 1Cor 5,6; 6,11). Levando em conta o uso que se faz desta fórmula no NT, pode-se dizer que aqui significa “mediante a força do nome do Senhor que se invoca”, “tornando presente a ação salvadora daquele que curou os enfermos e agora está glorioso no céu”. Mas que “por mandato” ou “por vontade instituinte” de Cristo, é significando a presença do Senhor que atualiza sua salvação pela força de seu nome.

— Tanto o gesto como a palavra devem ser uma “oração da fé”. Longe de pensar numa “eficácia mágica”, no v. 15 diz-se bem claro que se trata de uma oração de fé, tanto por parte dos presbíteros como por parte dos enfermos. Os dois aspectos devem incluir-se, não havendo nenhuma razão para o contrário. Juntamente com o “nome do Senhor” ou iniciativa salvadora de Deus, manifesta-se “a oração da fé” ou resposta do sujeito na mesma oração da Igreja.

— O efeito deste gesto é a “*salvação e fortalecimento do enfermo*”. O autor emprega dois verbos (*σωσει, εγερει*) que na Escritura admitem várias acepções, e é preciso determinar seu sentido em cada contexto. O primeiro, *σωζειν* aparece no AT com o sentido de “salvar o homem da morte física”, de “mergulhar no sheol” e em sentido positivo “dar a vida de novo”. Também o NT o emprega para indicar a “passagem da morte à vida”, tanto no sentido físico-atual, como no sentido escatológico (cf. 5,28 par; 5,34 par; 15,30 par; Mt 8,25; At 14,9; Mt 1,21; 2,14; 4,20; 5,20; Mc 3,4 par...). O problema é saber em que sentido concreto o utiliza aqui Tiago: se como salvação física e cura corporal, ou como salvação da alma e cura espiritual do pecado, ou como salvação escatológica para a vida eterna. Sobre tudo isto discutiu-se longamente.¹¹³

Quanto ao verbo *εγερειν* levanta os mesmos problemas. O NT o emprega para indicar a “ressurreição dos mortos”, e também para significar o “restabelecimento de uma enfermidade”, “fazer levantar ou endireitar-se” (cf. Mc 1,31; 2,9.11; At 3,6; Mt 16,21; Lc 24,34; Jo 5,21; At 2,24; 1Cor 6,14...). Concretamente neste texto de Tiago não se pode determinar com exatidão seu sentido: pode ser fortalecimento espiritual e anímico, ou pode incluir também fortalecimento físico.

113. Cf. C. Rauch, *La extrême-onction*, loc. cit.; Mons. Romaniuk, *Unción en general y extrema unción. Estudio bíblico y teológico*: *Communio* 5 (1983), 390-404.

Em resumo, parece que não se deve excluir nenhum sentido ou perspectiva, já que não se opõem entre si. Levando em conta a mentalidade unitária e antropológica do autor, deve referir-se a um restabelecimento total ou corpóreo espiritual, que inclui a vontade salvadora de Deus e, portanto, a mesma cura corporal, ou a vida eterna. O fato de que o texto deixe uma interpretação aberta, a concepção antropológica hebraica, a relação entre saúde temporal-escatológica..., justificam esta conclusão.

— Além da salvação e fortalecimento, uma terceira promessa é o “perdão dos pecados”, no caso de se encontrar em pecado. Este efeito é indicado como eventual e condicional ($\chi\alpha\upsilon$), não permanente e fundamental. Com isto se vê que não só os pecadores podem receber a unção; que enfermidade e pecado não estão casualmente unidos; que a eficácia da unção também se relaciona com o pecado.